Volume II

Quinta Parte – 3

Um exemplo de como se vive consciente no Mundo do Desejo, ainda estando renascido aqui

Naquela noite, quando nos encontramos novamente em nosso "sonho em comum"[1], eu estava olhando para os meninos da escola de Saindou indo para a *primeira comunhão* e pensando muito em você, como eu o tinha visto, quando acordado, algumas horas antes, olhando para fora pela janela no 'Tête Noire'[2] e quando de repente você apareceu aparentando grandes problemas e andando como um homem embriagado; e minha visão foi perturbada pela sombra de uma prisão – ai de mim! ai! – e dois pequenos carcereiros sacudindo suas chaves e tentando prendê-lo.

Minha emoção ao vê-lo novamente tão cedo foi enorme que quase acordei.

Mas eu o salvei de seus pavores imaginários e segurei você pela mão.

Você se lembra de todo o resto.

Eu não podia entender o motivo pelo qual você deveria estar no meu sonho, como quase sempre sonhei ser verdade – isto é, sobre coisas que aconteceram em minha vida – não sobre coisas que poderiam ser; nem pude explicar a solidez de sua mão, nem entendo por que você não sumiu quando eu peguei e desfoquei o seu sonho. Era um mistério muito desconcertante que perturbou muitas horas da minha vida acordada e adormecida. Então veio aquele encontro com você em Cray, e parte do mistério foi esclarecido, pois, afinal, você era meu velho amigo Gogo. Mas ainda é um mistério, um mistério terrível, que duas pessoas se encontrem como nós estamos nos encontrando

---

[1] N.T.: na verdade, conscientes no Mundo do Desejo.
[2] N.T.: um hotel que havia sido palco de um terrível assassinato, que levou a uma causa célebre.

agora no mesmo sonho – devam se encaixar tão precisamente no cérebro um do outro. Que elo há entre nós dois, Sr. Ibbetson, tão ligados por essas memórias!

Depois de conhecê-lo em Cray, senti que nunca mais deveria encontrá-lo, acordada ou sonhando. Afinal, a descoberta de que você era Gogo combinada com a preocupação que, como um mero estranho, você já me causou, por tanto tempo, e criou tal perturbação em meu espírito que ... isso ... aí, você deve tentar imaginar por si mesmo.

Mesmo antes daquela revelação em Cray, eu sempre soube que você estava aqui em meu sonho e, cuidadosamente, evitei você ... embora sonhando pouco, você estava aqui em seu próprio sonho também! Frequentemente, daquela pequena trapeira lá em cima, eu o vi vagando pelo parque e pela avenida, aparentemente me procurando, e me perguntei por que e como você veio. Você me levou ao sótão e aos quartos dos empregados para me esconder de você. Era um belo jogo de esconde-esconde – *cache-cache*, como costumávamos chamá-lo.

Mas depois de nosso encontro em Cray, senti que não deveria haver mais *cache-cache*; evitei de vir aqui; você me afastou completamente.

Agora tente imaginar como que me senti, quando a notícia da sua terrível briga com o Sr. Ibbetson se espalhou. Eu estava fora de mim! Eu vim aqui noite após noite; eu procurei você em todos os lugares – no parque, no Bois de Boulogne, no Mare d'Auteuil, em St. Cloud – em todos os lugares que pude pensar! E agora aqui está você, finalmente – finalmente!

Quieto! Não fale ainda! Eu terminarei em breve!

Seis meses atrás, perdi meu pobre filho e, por mais que o amasse, não posso desejá-lo que volte. Em quinze dias estarei legalmente separada de meu pobre

marido – estarei sozinha no mundo! E então, Sr. Ibbetson – oh, então, querido amigo que essa criança ou mulher já teve – cada hora que eu puder roubar da minha existência acordada, doravante será devotada a você, enquanto nós dois vivermos e dormirmos durante as mesmas vinte e quatro horas. Meu único objetivo e empenho será compensar os destroços da sua doce e valiosa jovem vida. 'As paredes de pedra não fazem uma prisão, nem as barras de ferro uma gaiola!'[3] [E aqui ela riu e chorou junto, de modo que seus olhos, fechando-se, espremeram suas lágrimas, e eu pensei: "Oh, que eu as sorver!"]

E agora vou deixar você. Eu sou uma mulher fraca e amorosa, e não devo ficar ao seu lado até que eu possa fazer isso sem muita autocensura.

E, de fato, sinto que logo acordarei com pura exaustão de alegria.

Oh, desgraçado egoísta e ciumento que sou, para falar de alegria!

"Não posso deixar de me alegrar, em saber que nenhuma outra mulher pode ser para você o que eu espero ser. Nenhuma outra mulher pode chegar *perto* de você! Eu sou a sua tirana e sua escrava – sua calamidade o tornou meu para sempre, mas toda a minha vida – tudo - tudo; devem ser gastos tentando fazer você se esquecer, e eu acho que vou ser bem-sucedido".

"Oh, não tenha essa pressa terrível!" Eu exclamei. "*Eu* estou sonhando de verdade? O que vai me provar tudo isso quando eu acordar? Ou sou o mais vil e miserável dos homens, ou a vida nunca terá outro momento infeliz. Como vou *saber*?"

"Escute. Você se lembra de 'Parva sed Apta[4], o pequeno pavilhão', como você costumava chamá-lo? Esta ainda é o meu lar, quando eu estou aqui. Será seu, se quiser, quando chegar a hora. Você encontrará lá muita coisa que vai

---

[3] N.T.: do poema To Althea, from Prison, de Richard Lovelace.
[4] N.T.: do latim: Pequena, mas o suficiente.

lhe interessar. Bem, amanhã cedo, em sua cela, você receberá um envelope meu com um pedaço de papel dentro, contendo algumas violetas, e as palavras ‘Parva sed Apta – nos vemos em breve’ escritas em tinta violeta. Isso vai convencê-lo?”

“Oh sim, sim!”

“Bem, então, dê-me suas mãos, querido, melhor ainda: ambas as mãos! Em breve estarei aqui de novo, perto dessa macieira; contarei as horas. Adeus!” – e ela se foi, e eu acordei.

Acordei ainda no escuro da minha cela que tem iluminação a gás. Era pouco antes do amanhecer. Um dos carcereiros me perguntou educadamente se eu queria alguma coisa e me deu um pouco d’água.

Agradeci-lhe em voz baixa e recordei o que tinha acabado de acontecer comigo, ainda cheio de espanto, um êxtase, para o qual não consigo encontrar palavras.

Não, *não* tinha sido um *sonho* – disso eu tinha certeza – em nenhum aspecto; não havia nada de sonho nisso, exceto seu encantamento transcendente e inefável.

Cada inflexão daquela voz amada, com seu sotaque estrangeiro quase imperceptível, que eu nunca havia notado antes; cada gesto animado, com sua sutil reminiscência de seu pai e sua mãe; seu vestido preto adornado em cinza; seu chapéu preto e cinza; o cheiro de madeira de sândalo sobre ela – tudo ficou mais distinto e vividamente impresso em mim do que se ela tivesse estado ali fisicamente ao lado da minha cama. O timbre de sua voz ainda soava em meus ouvidos. Meus olhos estavam impregnados agora: pelo seu perfil, tão puro e esculpido; pelo seu rosto cheio, com seus olhos cinzentos (às vezes ternos e graves e molhados de lágrimas, às vezes semicerrados de tanto

rir) fixos nos meus; pelo seu corpo ágil e doce curvado para a frente, enquanto ela se sentava e segurava os joelhos; pelos seus pés retos, lisos e arqueados, tão delicadamente calçados que, às vezes, pareciam ritmar o tempo na história dela.

E, então, aquela estranha sensação de transfusão de vida ao toque das mãos! Oh, *não foi um sonho*! Embora o que eu não posso dizer…. Virei-me de lado, feliz além do que posso expressar, e adormeci novamente – um sono sem sonhos, que durou até que eu acordei e disseram para me vestir.

Trouxeram-me um café da manhã e com ele um *envelope aberto, que continha algumas violetas, e um pedaço de papel perfumado com madeira de sândalo, no qual estavam escritas, em tinta violeta, as seguintes palavras –*

"*Parva sed Apla — nos vemos em breve!*

Tarapatapoum[5]".

Passarei pelo tempo que decorreu entre minha frase e a sua transformação: as ministrações e exortações do bom capelão; as amáveis e comoventes despedidas do Sr. e da Sra. Lintot, que também acreditavam ser eu o filho de Ibbetson (eu não os enganei); a visita de minha velha amiga Sra. Deane ... e seu estranho desejo de gratidão e admiração.

Não tenho dúvidas de que tudo seria bastante interessante, se fosse devidamente lembrado e habilmente contado. Mas, era muito parecido com um sonho – o sonho de qualquer pessoa – não um dos *meus* – tudo muito leve e frágil para ter deixado uma lembrança duradoura ou buscar outra importância.

[5] N.T.: "A Fada Tarapatapoum", da Suite Française Op. 22, de John Foulds

Meus olhos estavam repletos dela

No devido tempo, fui removido para a prisão em –, e me despedi do mundo, e me adaptei às condições de minha nova vida exterior com boa graça e com o coração mais leve.

A rotina da prisão - deixando o cérebro tão livre e desocupado -, o trabalho saudável, o ar puro, a comida simples e saudável eram maravilhosos para mim – um descanso mental diário muito necessário, após as emoções tumultuadas de cada noite.

Devido a isso, eu logo estava de volta a Passy, onde passava cada hora do meu sono, você pode ter certeza, não muito longe da velha macieira, que vi passar por todas as suas mudanças, de galho sem folhas a tenros brotos e flores, de

florescer a frutos maduros, de frutos a folhas amarelas caindo, e então a ramos sem folhas novamente, e tudo em algumas noites pacíficas, que foram os meus dias. A essa altura, me gabo de conhecer os hábitos de uma macieira francesa e de suas lagartas!

E todas as pessoas queridas que eu amava, e das quais nunca poderia me cansar, eram todas, exceto uma. *A Única*!

Enfim ela chegou. A porta do jardim foi empurrada, a campainha tocou e ela cruzou o gramado, radiante, alta e ágil, e abriu os braços. E ali, com nosso pequeno mundo ao nosso redor – tudo que sempre amou e cuidou, mas totalmente invisível e inaudível por eles – pela primeira vez na minha vida desde que minha mãe e Madame Seraskier morreram, segurei uma mulher em meus braços, e ela pressionou seus lábios nos meus.

Caminhamos e conversamos ao redor do gramado, como sempre fazíamos quinze, dezesseis, vinte anos atrás. Havia muitas coisas a dizer. "O Príncipe Encantado" e a "Fada Tarapatapoum" estavam "lindamente bem juntos" – finalmente!

O tempo passou rápido – rápido demais. Eu disse:

"Você me disse que eu deveria ver sua casa – 'Parva sed Apta' – e que lá, eu deveria encontrar muito que me interessaria" …

Ela corou um pouco e sorriu, e disse:

"Você não deve esperar *muito*", e logo nos encontramos caminhando pela avenida. Assim, tínhamos caminhado com frequência quando crianças, e uma vez – uma vez memorável – além disso.

Finalmente ela chegou

Lá estava a casinha branca com sua lenda dourada, como eu a tinha visto mil vezes quando era um menino – cem desde então.

Como parecia doce e pequeno sob o sol suave! Subimos na *escada* de pedra, abrimos a porta e entramos. Meu coração bateu violentamente.

Pelo que pude ver, tudo estava como sempre foi. O Dr. Seraskier estava sentado em uma cadeira perto da janela lendo Schiller e não nos deu atenção.

Seu cabelo se movia com a brisa suave. Lá em cima, ouvimos os quartos sendo varridos e as camas sendo arrumadas.

Eu a segui até uma pequena despensa, onde não me lembrava de ter estado ali antes; estava cheio de miudezas.

“Por que você me trouxe aqui?”, perguntei.

Ela riu e disse:

“Abra a porta na parede oposta”

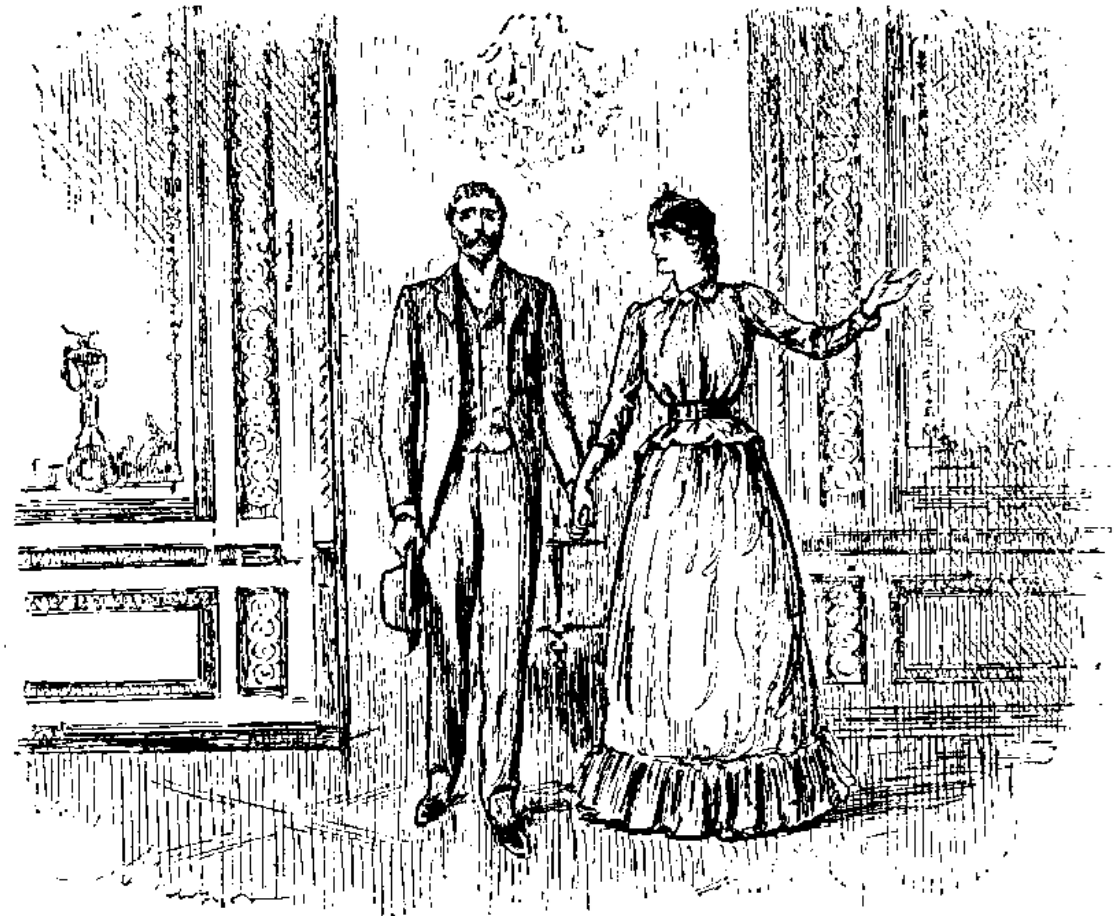
“Não há nenhuma porta”, foi o que eu disse.

Então ela pegou minha mão e eis! havia uma porta! E ela empurrou, e entramos em outro conjunto de cômodos que nunca poderia ter estado lá antes; nunca houve lugar para eles – nem poderia haver – em todo o Passy!

“Venha”, disse ela, rindo e tímida ao mesmo tempo; pois ela parecia nervosa, excitada e envergonhada – você se lembra?

‘E Neuha levou seu Torquil pela mão.

E acenou ao longo do cofre sua marca em chamas!’



"E Neuha levou seu Torquil pela mão."

– você se lembra do seu pequeno desenho de *A Ilha*, no verde marroquino Byron[6]?

Aqui está, na gaveta de cima desse lindo armário. Aqui estão todos os desenhos que você fez para mim – simples e coloridos – com datas, explicações, etc., todos escritos por mim – O álbum da fada Tarapatapoum. Eles são apenas cópias. Eu tenho os originais na minha casa em Hampshire.

O armário também é uma duplicação; – não é uma beleza? – é do Palácio de Inverno do Czar. Tudo aqui é uma cópia quase exata. Veja, essa é uma salinha de jantar; – você já viu algo tão perfeito? – é a famosa *sala de jantar* da

[6] N.T.: do poema The Island: Canto IV., de Lord Byron (George Gordon Byron) – essa obra não tem tradução para o português. Nesse canto, o escocês Torquil e Nehua vivenciam um idílio polinésio. Esse poema é uma narrativa romântica ambientada em Tubuai, ilha da polinésia.

Princesse de Chevagné[7]. Eu nunca uso, exceto de vez em quando para comer uma fatia de pão caseiro inglês com manteiga francesa e 'cassonade'[8]. A pequena Mimsey, lá fora, às vezes faz isso, quando Gogo traz um para ela, e Mimsey fica com água na boca ao vê-la, ela então tem que ir e fazer o mesmo. Você gostaria de uma fatia?

Você vê que o pano está estendido, *dois talheres*. Há uma garrafa do famoso champanhe do Sr. De Rothschild; há muito mais de onde este veio. As flores são de Chatsworth, e essa é uma salada de lagosta para *você*. Papai era ótimo em saladas de lagosta e me ensinou. Eu mesmo preparei há quinze dias e, como você vê, é tão fresco e doce como se eu tivesse acabado de fazer, e as flores não murcharam nem um pouco.

Aqui estão cigarros, cachimbos e charutos. Eu espero que eles sejam bons. Eu não fumo sozinha.

Todos os móveis não são raros e bonitos? Roubei o que tinha de melhor de todos os palácios da Europa e, no entanto, os detentores não perderam um centavo. Você deveria ver as escadas.

Veja essas fotos – a escolha exata de Raphael, Ticiano e Velasquez. Olhe aquele piano – ouvi Liszt tocá-lo sem parar, em Leipsic!

Aqui está minha biblioteca. Cada livro que li está lá, e cada encadernação que sempre admirei. Não os leio com frequência, mas limpo-os com cuidado. Providenciei para que a poeira caísse sobre eles da maneira usual para torná-la real e lembrar a vida terrestre, da qual estamos tão contentes em deixar. Aqui, tudo tem que ser levado muito a sério, e a pessoa deve doar de si mesmo a alguma dificuldade. Veja, aqui está o microscópio do meu pai, e embaixo dele

---

[7] N.T.: Laure Marie Charlotte de Sade, condessa de Chevigné (1859-1936) foi um dos modelos para a duquesa de Guermantes da obra de Marcel Proust.
[8] N.T.: Açúcar mascavo

uma pequena aranha capturada no local por mim. Ainda está viva. Parece cruel, não é? mas só existe em nossa imaginação.

Olhe para o vestido que estou usando – sinta-o; como cada detalhe é elaborado. E você inconscientemente fez o mesmo: esse é o terno que você usou naquela manhã em Cray sob o freixo[9] – o terno mais bonito que já vi. Aqui está uma mancha de tinta em sua manga, e é tão real (bravo!). E esse botão está saindo – certo; vou costurá-lo com uma agulha, linha e dedal de sonho!

Essa pequena porta leva a todas as galerias de arte da Europa. Levei muito tempo para construí-los e organizá-los sozinha – uma longa semana todas as noites. É muito agradável passear por ali com um bom catálogo, e fazer chover como dilúvio, lá fora.

Através desta cortina está um camarote de ópera – o mais confortável em que já estive; também para teatros, oratórios, concertos e apresentações científicas. Você verá, através dele, todas as apresentações em que já participei, em meia dúzia de idiomas; você deve segurar minha mão e entendê-los todos. Cada cantor que eu já ouvi, você deve ouvir. A querida Giulia Grisi cantará a 'Canção do Salgueiro' repetidas vezes, e você ouvirá os aplausos. Ah, que aplausos!

Entre nessa salinha – minha favorita; do lado de fora *dessa* janela e descendo esses degraus podemos caminhar ou dirigir para qualquer lugar que você ou eu já estivemos, e outros lugares além. Nada está longe, porém, só temos que andar de mãos dadas. Ainda não sei onde ficam meus estábulos e minhas cocheiras; você deve me ajudar a descobrir. Mas até agora nunca me faltou

[9] N.T.: Árvore das florestas dos climas temperados, de madeira clara, macia e resistente, encontrada na América do Norte, Europa e Ásia (Alt. máxima: 40 m; família das oleáceas).

uma carruagem ao pé daqueles degraus quando queria dirigir, nem um barco à vapor, nem uma gôndola, nem um lugar encantador para ir.

Dessa janela, e desse divã podemos sentar e contemplar o que quisermos. O que deve ser? Agora mesmo, você percebe que há um mar agitado e turbulento, sem nenhum navio à vista. Você ouve as ondas batendo e se espalhando e vê o albatroz? Eu estava lendo 'Keats's Ode to the Nightingale'[10] e estava tão fascinado com a ideia de uma treliça se abrindo na espuma

'De mares perigosos por terras de fadas abandonadas'

que pensei que seria bom eu ter uma treliça como essa. Tentei evoluir esse mar a partir da minha consciência interior, você sabe, ou melhor, dos mares que naveguei. Você gosta disso? Isso foi feito há quinze dias, e as ondas estão balançando desde então. Como eles rugem! e escute o vento! Eu não pude controlar as 'terras das fadas'. Ele quer uma treliça para o mar e outra para a terra, estou receoso. Você deveria me ajudar. Enquanto isso, o que você gostaria de lá esta noite – o Vale de Yosemite?[11] o Nevsky Prospekt[12] no inverno, com os trenós? a Rialto[13]? o Golfo de Nápoles[14] após o pôr do sol, com o Vesúvio[15] em erupção? ...

---

[10] N.T.: "Ode to a Nightingale" é um poema de John Keats escrito no jardim do Spaniards Inn, Hampstead, Londres ou, segundo o amigo de Keats, Charles Armitage Brown, sob uma ameixeira no jardim da casa de Keats em Wentworth Place, também em Hampstead.
[11] N.T.: O Parque Nacional de Yosemite (em inglês: Yosemite National Park) é um parque nacional norte-americano localizado nas montanhas da Serra Nevada, no estado da Califórnia, nos condados de Mariposa e Tuolumne.
[12] N.T.: A Avenida Nevsky é a principal avenida de São Petersburgo, na Rússia. Planeada por Pedro, o Grande, como início da estrada para Novgorod e Moscovo, a avenida tem início na Praça do Palácio, entre o Almirantado e o Hermitage e termina no Mosteiro de Alexander Nevsky.
[13] N.T.: A Ponte de Rialto é a ponte em arco mais antiga e mais famosa sobre o Grande Canal, na cidade italiana de Veneza. Ela foi formalmente a única ligação permanente entre os dois lados do Grande Canal, até abrirem as restantes travessias.
[14] N.T.: O golfo de Nápoles, na Itália, é uma enseada localizada na parte sul do mar Tirreno, compreendida entre a península Flegrea a noroeste e a península Sorrentina a sudeste.
[15] N.T.: Vesúvio é um estratovulcão localizado na cidade de Nápoles, Itália, a cerca de nove quilômetros a oeste de Nápoles e a curta distância do litoral. É o único vulcão na Europa continental a ter entrado em erupção nos últimos cem anos, embora atualmente esteja adormecido.

- “Oh Maria – Mimsey – o que me importa o Vesúvio, o pôr do sol e o Golfo de Nápoles ... agora? … O Vesúvio está no meu coração!”.

* * * * *